
O ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: UMA NOVA PERSPECTIVA A PARTIR DE MATTHEW LIPMAN

TANIA SILVA SOUZA

RESUMO

Este artigo busca uma reflexão sistematizada da proposta existente no programa de filosofia para Crianças de Matthew Lipman e da formação educacional dos infantes desde os primeiros anos escolares, os conceitos de educação e o de pensar que se entrecruzam ao analisarmos uma proposta cuja finalidade é iniciar as crianças na Filosofia. Sendo a filosofia uma área do conhecimento essencial para a formação do pensamento reflexivo, e considerando a importância de ‘pensar melhor’, realizamos uma leitura da Filosofia subjacente nos pressupostos deste pensador. Lipman lançou a ideia de que as crianças podem e merecem ter acesso à Filosofia e, na tentativa de provar suas convicções, o autor desenvolveu uma metodologia e um currículo específico, assim como materiais didáticos acessíveis à faixa etária dos alunos, na intenção de que sua ideia fosse uma realidade.

Palavras-Chave: filosofia; pensar; educação; infância.

ABSTRACT

This article seeks a systematic reflection of the proposal on existing program philosophy Child Matthew Lipmanan educational background of the infants from the earliest school years, the concepts of education and thinking that intersect when we analyze a proposal whose purpose is to initiate children in Philosophy. Philosophy being an

area of knowledge essential for the formation of reflective thinking, and considering the importance of ‘think better’, performed are a thing of the philosophy underlying the assumptions of this thinker. Lipman introduced the idea that children can and deserve access to Philosophy and in an attempt to prove his convictions, the author developed a methodology and a specific curriculum, and learning materials accessible to the age of the students, with the intention that their idea be a reality.

Keywords: philosophy, thinking; education; childhood.

1. Introdução

O presente artigo tem por objetivo demonstrar e analisar a importância do ensino de filosofia a partir do programa “Filosofia para Crianças” de Matthew Lipman, levando em consideração a problemática de quais são as contribuições da filosofia para a formação das crianças. O pioneiro dessa proposta “Filosofia para criança” foi o educador e filósofo norte-americano Matthew Lipman que, na década de 1960, preocupado com os alunos, os quais não tinham o hábito de interagir espontaneamente, isto é, não questionavam o professor sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula apresentando assim um baixo rendimento escolar, resolveu pesquisar sobre o assunto e acabou elaborando um Programa de Ensino, que tem por base sua tentativa de dar novos sentidos aos conceitos: filosofia, educação e criança. O Programa “Filosofia para Crianças” só pode ser compreendido no contexto da filosofia do autor.

No final da década de 1960, Lipman fez um primeiro experimento de suas ideias, escrevendo uma história para crianças que tratava de problemas filosóficos. Para ele, a filosofia pode ter uma versão acessível à criança. A leitura compartilhada destes textos tem por meta provocar perguntas sobre os assuntos de interesse das crianças que devem ser acolhidas pelo professor como ponto de partida para filosofar.

A filosofia começa, diz Lipman, quando podemos discutir a linguagem que usamos para discutir o mundo. Para desenvolver a ideia de Filosofia para Crianças, Lipman criou o que chama de Pedagogia

da Comunidade de Investigação. Nesta perspectiva, a sala de aula tradicional deve se transformar numa Comunidade de Investigação com a participação ativa de crianças e professores no diálogo sobre os problemas em questão, ou seja, conceitos de fundo de nossa existência, aqueles que são centrais, comuns e controversos. O diálogo filosófico é a pedagogia do pensar bem, ou seja, um pensar crítico, criativo, ético e político. É nessa prática de filosofia que as crianças formam as atitudes democráticas, tornando-se cidadãos críticos, reflexivos e participantes do processo deliberativo.

Segundo Lipman, o pedagogo não pode ensinar filosofia porque há disciplinas que ele não domina como a lógica, por exemplo. Então pergunta: sem saber lógico, como alguém poderá pensar criticamente? Por isso propõe a filosofia para crianças que parte do ensino da lógica formal por meio de novelas (pequenas histórias envolvendo problemas do dia a dia). Essas novelas filosóficas buscam desenvolver na criança o pensamento crítico. Mas que pensamento crítico? Fazer com que a criança aprenda a comprovar seus argumentos.

É na infância que a mente está aberta a aprendizados importantíssimos para o prosseguimento da vida, e ainda mais para a formação humana. É importante iniciar um debate sobre este assunto em escolas e academias, pois se o contato com a filosofia for proporcionado aos alunos desde a infância certamente teremos chances de encontrar no mundo pessoas com capacidade reflexiva.

Falar do ensino de filosofia, da sua importância, da luta pela autonomia, é pensar em mudança cultural, em mudança de visão de mundo, de paradigmas. O ensino da filosofia requer que estejamos abertos ao novo, à experiência vivida por outros, sempre tendo como base uma tradição de pensamentos filosóficos. O caminho da mudança pela educação filosófica passa pelo esclarecimento e consolida-se na íntima relação entre saber, poder, cultura e transformação, isto é, passa pela emancipação do indivíduo. Tomando como referência as palavras de Kohan, conseguimos ver claramente que:

[...] a filosofia contribui para se manter aberta sempre a pergunta pelo sentido de como vivemos e do que fazemos [...]. A filosofia é ela mesma transformadora, seu exercício impede o continuar pensando da forma em

que se pensava. A filosofia serve ao pensamento, à sua própria lógica problematizadora, sem que isso signifique que preste uma utilidade definida externamente (KOHAN, 2000, p.189).

Filosofar dentro da estrutura escolar com as crianças, adolescentes e jovens é capacitá-los para o debate, para a confrontação de ideias, para o questionamento, para o não conformismo diante dos fatos. Portanto, é ensiná-los a dizer não, e fazer com que exijam participação no processo de criação do indivíduo, de uma nova relação entre pessoas, instituições e os porquês de tais relações.

Buscar um ensino filosófico, condizente com a idade, dentro das experiências de cada um, aberto ao questionamento, a angústia, ao novo, é querer uma filosofia viva. Um ensino filosófico que questione as certezas, o instituído, que capacite indivíduos para a reflexão e para as diversas leituras e posicionamentos tomados diante dos fatos. Assim, este indivíduo estará instrumentalizado para a crítica e para a ampliação do seu universo experiencial e sua visão de mundo. Diante disso, é que se torna muito importante fazer filosofia com crianças e jovens.

A sua longa experiência de ensino universitário levou Lipman a acreditar que, efetivamente, quando os jovens adultos chegam à universidade, seu pensamento já está formado, para não dizer fechado. Assim, Lipman chega à conclusão de que a aprendizagem do pensamento autônomo e crítico deveria se fazer nas escolas primárias e secundárias. Mas o problema era saber de que forma. Lipman diz: “Que as crianças pensam de forma tão natural quanto falam ou respiram – disso eu não tinha dúvida. Mas como ajudá-las a pensar bem?”.

E é assim que, ao longo de suas reflexões sobre o valor e a utilidade de seu ensino universitário, Matthew Lipman desenvolve um programa de filosofia para ensinar aos jovens a pensar bem. Com efeito, o objetivo do currículo de filosofia para crianças é propiciar uma formação fundamental a criança, valorizando ao mesmo tempo sua experiência cotidiana, estimulando-a, assim, a praticar a investigação do significado.

Metodologicamente, essa pesquisa se pautou em algumas análises das obras de Lipman e de alguns comentadores do autor. Seu

objetivo é responder as seguintes questões: Qual é a perspectiva de Lipman? Qual a importância do ensino de filosofia para crianças? Qual a estrutura curricular de filosofia na Educação Infantil? Qual o perfil do professor?

2. Qual é a perspectiva de Lipman?

Dentro dessa perspectiva, o saber pensar constitui um importante papel na vida escolar das crianças. Sendo assim, a proposta é investir na educação para “o pensar” ainda na infância. O que pode ser feito por intermédio da Filosofia. Ou seja, iniciar as crianças na filosofia na sala de aula para que dessa forma, elas possam construir, desde a infância, um pensamento crítico, reflexivo e investigativo.

O programa lipmaniano de Filosofia para Crianças tem como objetivo o desenvolvimento de habilidades cognitivas, por intermédio de temas filosóficos em uma linguagem acessível na infância, portanto, o mesmo vê nas histórias, o ponto de partida para iniciar a criança no mundo da Filosofia, conforme assevera o autor:

As histórias para as crianças são mercadorias preciosas – bens espirituais. Constituem a espécie de bens de que não despojamos ninguém ao torná-los nossos. As crianças adoram os personagens de ficção das histórias que leem: apropriam-se deles como amigos – como companheiros semi-imaginários. Dando às crianças histórias de que se apropriar e significados a compartilhar, proporcionando-lhes outros mundos em que viver – outros reinos em que habitar (LIPMAN, 1997, p. 62).

A Filosofia para Crianças é um programa pedagógico que visa desenvolver as capacidades de raciocínio e do pensamento em geral, assim como as capacidades de verbalização do pensamento e aspectos cruciais da construção da comunicação, como o confronto de ideias e a reflexão em grupo. Esta aprendizagem multifacetada da atividade do pensar é feita através da criação de um diálogo, tem como fim promover o pensamento através de uma comunidade de investigação na sala de aula, onde as crianças são encorajadas a falar e a ouvir umas às outras e assim discutir ideias filosóficas na presença de um facilitador.

A proposta “Filosofia para Crianças”, na perspectiva educação

para o “pensar”, segundo o qual o ensino é resultado de um processo de investigação do qual o professor, despido de sua infalibilidade, participa apenas como orientador ou facilitador, pois o enfoque não está mais na “aquisição de informações”, mas na percepção das relações contidas nos temas investigados. O que se pretende é que os alunos pensem, reflitam e desenvolvam cada vez mais o uso da razão, bem como sua capacidade de serem criteriosos. A proposta deseja desafiar o aluno a pensar de maneira organizada e crítica sobre os valores da sociedade, os quais a escola transforma ou perpetua.

Lipman considera o diálogo a parte mais importante, e acontece com base no respeito mútuo, no reconhecimento dos participantes, na consideração das razões que sustentam as ideias propostas. Assim, o “diálogo investigativo” é a conversação, na qual o aluno possa aprender a se posicionar diante de situações, a ouvir os colegas, a respeitar as demais opiniões, a refletir sobre as respostas dadas, a justificar as afirmações, a reconhecer e corrigir seus erros, pensando neles como hipóteses, tentativas de acertos.

O “diálogo investigativo” pode desencadear a prática do questionamento. Aprender a fazer perguntas é fundamental para que os alunos reúnam condições de compreender e relacionar a imensa quantidade de informações que lhes chega e sobre elas tomar decisões necessárias em todos os níveis de seu cotidiano. A proposta “Filosofia para Crianças” se coloca como uma chance de olhar para a educação buscando novos horizontes.

O ensino da filosofia consiste em reconhecer e seguir bem de perto aquilo que as crianças estão pensando, ajudando-as a verbalizar e objetivar esses pensamentos e, depois, cuidando do desenvolvimento das ferramentas que necessitam para refletir a respeito desses pensamentos. A hipótese é que a filosofia faz as crianças viajar no imaginário infantil, assim as crianças podem aproximar-se da filosofia, pela admiração e pela curiosidade. A criança que filosofa tende a ser mais atenta e buscar a informação que lhe permite um conhecimento aprofundado, tornando-se apto a questionar e a lidar com o desconhecido.

Para que as crianças aprendam a manejar as ideias e não só

os rótulos, não se mencionam os nomes dos filósofos no programa de Filosofia para Crianças embora, certamente, suas ideias sejam apresentadas. No devido tempo, as crianças descobrirão de quem é, originalmente, essas ideias, mas isso só deve acontecer após terem verdadeiramente trabalhado com as ideias tentando dar sentido a sua experiência, tentando ampliar seus próprios horizontes e, assim, chegar a compreender a si mesmas e aos outros, de uma maneira mais ampla.

Acredita-se que o papel da filosofia nas séries iniciais, não tem por objetivo imediato analisar e resolver problemas históricos da filosofia, mas sim, o de criar uma predisposição e uma atitude favorável ao exercício filosófico, exercitando o pensamento crítico, e dialógico das crianças e dos professores.

Pensando assim, é impossível desvincular a filosofia do filosofar, assim como é impossível desvincular a filosofia de nossas vidas. Porém, o estudo da filosofia na escola não tem a intenção de determinar a direção da formação dos alunos, mas permitir-lhes a liberdade de poder construir-se a si mesmo.

O maior desafio da proposta de Lipman é como desencadear no aluno à vontade, a motivação para uma educação para o “pensar”, em que o questionamento e o diálogo sejam à base do conhecimento.

A filosofia para crianças, dentre outros aspectos, enfatiza ainda que os erros ou coisas aparentemente sem importância que os alunos dizem durante as aulas longe de serem tolices, constituem, na verdade, uma etapa importantíssima para o desenvolvimento do raciocínio hipotético-dedutivo, uma vez que representam seus pontos de vista pessoal. Além do mais, nenhum sistema de pensamento é estabelecido apenas com proposições acertadas; o erro e as tentativas de acerto estão também inseridos neste processo, até que para a verdade daí inferida possa ser de fato percebida como a alternativa mais plausível e coerente ao que se pretende sustentar por meio do raciocínio lógico. E os alunos têm todo o direito de conhecer este processo.

É importante também enfatizar que a vivência da filosofia na sala de aula contribui para que os alunos adquiram segurança própria e gosto pelo aprendizado, pois quando praticada de maneira interacional a filosofia acaba desenvolvendo nos alunos uma autoestima equilibrada,

uma vez que todos passam a reconhecer a importância e o valor das suas ideias para o enriquecimento do grupo enquanto totalidade. Deste modo, por intermédio da filosofia os alunos são convidados a refletir sobre aquilo que aprendem, desenvolvendo assim o pensamento crítico.

A metodologia de Lipman apresentava como proposta que:

Mediante o trabalho com o conteúdo, pudessem ser trabalhadas as habilidades cognitivas necessárias ao desenvolvimento dos alunos. O programa propiciava o acontecer do conhecimento nas crianças e jovens porque os fazia trabalhar com as idéias de forma cooperativa, isto é dialógica (LIPMAN, 1995, p. 32).

Segundo Marcos Antonio Lorieri, professor de Filosofia da Uninove em São Paulo e um dos pioneiros desse programa - defendendo a implantação da proposta na rede pública de São Paulo – a essência desse espaço de trabalho é o diálogo, as pessoas trocam além de suas convicções expressas em afirmações e argumentos, as suas razões relativas a valores morais, imbuídos por gerações anteriores.

E a proposta “Filosofia para crianças” para Lorieri, propunha um espaço físico que pudesse ser reservado pela escola para se transformar num espaço de diálogo, em que as crianças desenvolvessem e ampliassem suas ideias e concepções. O espaço concebia uma sala de aula em que os alunos, posicionados em círculo, pudessem todos se observar e presenciar uma comunidade de investigação (LIPMAN, 1990, p.132).

Dessa maneira, a sala de aula, convertida em “comunidade de investigação”, permitiria aos alunos, segundo o próprio Lipman:

[...] a dividirem opiniões, com respeito, desenvolverem questões a partir das ideias de outros, desafiarem entre si para fornecerem opiniões até então não apoiadas, auxiliarem uns aos outros ao fazer inferências daquilo que foi afirmado e buscar identificar às suposições de cada um (LIPMAN, 1995, p.31).

O “fazer” Filosofia, para Lipman, possuía como foco o pensar questões articuladas às regras da lógica formal, resultando em um “pensamento excelente” ou pensamento de ordem superior. Como

esse pensamento só poderia se desenvolver por meio da linguagem, o caminho mais coerente para o aprendizado do filosofar seria o “diálogo filosófico”, enfim, o diálogo praticado na referida “comunidade de investigação” (SILVEIRA, 2001, p.112).

A proposta de Lipman, assim, é claramente normativa, pois o próprio autor descreve como deveria ser uma educação filosófica. Propõe, em princípio, distinguir a filosofia e o filosofar, sendo a filosofia um sistema, e aqui, compreendendo que Lipman pode ter relacionado sistema à teoria ou conteúdo e o filosofar uma prática.

A criança que cresce na família tem sua curiosidade despertada pela aventura das conversas familiares e aprende a “reconhecer as vozes” e a “distinguir os momentos certos quando se fazem declarações, passando paulatinamente a iniciar-se no desenvolvimento da capacidade e participação” deste diálogo contínuo. Quando é chegada a hora para a educação formal, ocorre, mais uma vez:

[...] a iniciação no desenvolvimento desta capacidade e na participação da conversa, na qual aprendemos reconhecer as vozes, a distinguir os momentos certos das declarações e adquirimos os hábitos intelectuais e morais apropriados à conversação (LIPMAN, 1995a, p. 35).

Tudo isso não significa que tenha que ser nos “moldes” de Lipman. Para Lipman, mais do que adotar “cegamente” um modelo específico de trabalho é preciso que o educador acredite na possibilidade de levar a Filosofia às crianças buscando uma fundamentação teórica aprofundada o bastante para garantir o sucesso daquilo que deve ser sua verdadeira intenção, contribuir de modo adequado na educação escolar das crianças para que elas possam trazer para suas vidas uma nova percepção de o que é descobrir.

Denominados novelas ou romances filosóficos, as histórias escritas por Matthew Lipman são acompanhadas de exercícios e planos de discussão. Com um suporte metodológico voltado para o desenvolvimento do pensar, os textos, que vêm em forma de narrativa, discorrem sobre as várias áreas da filosofia – lógica, ética, estética, metafísica, epistemologia, filosofia da ciência e linguagem – e se intencionam, conforme anteriormente citado, em cultivar a aquisição

das habilidades cognitivas.

O programa filosofia para crianças se resume basicamente nisto, caminhar o aluno para um comportamento correto, onde ele saiba distinguir os valores reais, comportamentos necessários para a convivência no meio onde ele está incluso. Sendo assim, a criança estará instrumentalizada para um pensar crítico e ampliação de sua visão de mundo. Diante disso, é que se torna necessário o ensino de filosofia com crianças e jovens.

A proposta “Filosofia para Crianças” se coloca como uma chance de olhar para a educação buscando novos horizontes. Respalado em Lipman, Malacarne coloca que:

Pensar na inserção da Filosofia na escola fundamental é estar disposto a olhar para as crianças, vendo nelas não adultos em miniaturas, mas crianças que são capazes de quando valorizadas, refletir com vistas a ter ideias próprias, o que é melhor, com grau de compreensão suficiente. (MALACARNE, 2005, p. 63).

Complementando o autor, pode-se dizer que a valorização do aluno oportuniza-o à prática de dialogar, de ouvir o outro, enfim, filosofar.

O ensino da filosofia consiste em reconhecer e seguir bem de perto aquilo que as crianças estão pensando, ajudando-as a verbalizar e objetivar esses pensamentos e, depois, cuidando do desenvolvimento das ferramentas que necessitam para refletir a respeito desses pensamentos.

Em síntese, a filosofia para crianças é um programa de Educação para “o pensar”, o qual busca desenvolver no âmbito da sala de aula desde a infância, condições ou instrumentos do pensamento, denominado habilidades cognitivas, por intermédio do diálogo investigativo. Tudo isso, para alcançar o que Lipman chama pensar bem. Porém, não somente pensar bem sobre o conhecimento científico, mas, também, construir significados culturais avaliando-os, em vez de apenas recebê-los.

3. Qual a importância do ensino de filosofia para crianças?

A constatação de que a filosofia faz investigações sobre como pensamos e se há formas melhores de pensar fez com que Lipman desenvolvesse uma proposta educacional que incluísse esforços das crianças e jovens para refletirem sobre como eles pensam, o que é o pensar e a importância de saber cuidar do seu próprio pensar. A filosofia é educadora do nosso pensamento, da nossa razão, principalmente se nos pusermos a filosofar junto com os outros, realizando aquilo que se chama o diálogo filosófico numa comunidade de investigação filosófica.

Queremos ressaltar, aqui, a importância que é dada ao pensar sobre o pensar e a necessidade de tomarmos consciência da forma como pensamos e de nos dispormos a modificá-la, para melhor. Ao pensar, a tendência é que as crianças tornem-se mais críticas, criativas e sensíveis ao contexto em que vivem. A filosofia para crianças serve também para prepará-los para o exercício da cidadania no qual se reforça a importância de respeitar os outros, respeitar regras previamente estabelecidas e necessárias para a vida em comunidade.

Dessa forma, é notório afirmar que a escola não é apenas mero edifício, no qual existe apenas espaço físico, material, humano, mas, um ambiente de convívio, desporto cultural, troca de experiências e, até mesmo, experimentação. Para tanto, não basta apenas introduzir uma disciplina no currículo escolar, é fundamental que os administradores escolares e educadores revejam o que concebem como educação e comecem a pensar em dinâmicas apropriadas e em boas relações sociais, pois assim, as crianças também terão mais oportunidade para fazer julgamentos inteligentes, escolhas coerentes às suas necessidades e construção de novos conceitos e significados. Portanto, implantar um trabalho de filosofia nas escolas, principalmente de rede pública, não é simples. Afinal, filosofia não se resume apenas em ensinar teorias de filósofos renomados de várias épocas da história da humanidade.

O ensino da Filosofia permeia diferentes vertentes que devem ser ampliadas e sempre atualizadas em questões temáticas bem interessantes. Portanto, a sala de aula é ambiente favorável para o desenvolvimento da filosofia para o bem pensar, onde cada aluno necessita desenvolver o seu ponto de vista, seu estilo de pensamento,

sua perspectiva de vida.

Segundo Lipman, transformações educacionais com esse intento serão possíveis diante da mudança do foco da educação: “a mudança do aprender para o pensar. Queremos alunos que pensem por si mesmos, e não alunos que só aprendam o que outras pessoas pensaram” (LIPMAN, 1995, p. 44). Na verdade, parece estar nesse movimento – pensar o que outros pensaram (só aprender) – a gênese da monotonia instilada na falta de significado que os alunos experimentam dentro da sala de aula. Para sustentar nossa colocação, recorreremos ao filósofo americano:

As crianças deveriam adquirir prática em discutir os conceitos que elas considerassem importantes. Fazer com que discutam assuntos que lhes são indiferentes priva-as dos prazeres intrínsecos de se tornarem educadas e abastece a sociedade com futuros cidadãos que nem discutem o que lhes interessa nem se interessam pelo que discutem (LIPMAN, 1990, p. 31).

Esse é um dos pontos mais importantes para que possamos compreender melhor a intenção de Lipman em relação ao pensar. Para ele, o bom desempenho escolar das crianças, bem como o interesse delas pela escola está sobremaneira interligado ao significado das experiências vivenciadas por elas, principalmente dentro da sala de aula. Assim, quanto mais rica e significativa essa experiência, mais a criança terá êxito em suas atribuições escolares. E, de acordo com o filósofo, para que os alunos consigam apreender o significado das coisas, eles precisam pensar habilidosamente.

De conformidade com Lipman, as crianças “não captarão os significados simplesmente aprendendo conteúdos do conhecimento do adulto, elas precisam ser ensinadas a pensar e, em particular, a pensarem por si mesmas” (LIPMAN, 2001, p. 32). Entendemos em Lipman, que pensar por si mesmo está intrinsecamente relacionado com o pensar habilidosamente, ou seja, com o pensar bem. Não obstante, Lipman preocupa-se com o fato de erroneamente concluirmos que sua sugestão é a de ensinar lógica às crianças, para que possam pensar de modo conveniente, com boas proposições e conclusões. Para ele, a lógica está presente na vida dos pequenos desde tenra idade.

As crianças aprendem lógica ao mesmo tempo em que aprendem linguagem. As regras da lógica, assim como as da gramática, são adquiridas quando as crianças aprendem a falar. Se dissermos a uma criança bem pequena “se você fizer isso você apanha”, pressupomos que a criança entende que “se não quero apanhar, eu não devo fazer isso”. Esta pressuposição geralmente está correta. As crianças bem pequenas, em outras palavras, reconhecem que negar o conseqüente exige negação do antecedente. Embora isso seja um exemplo de um raciocínio muito sofisticado, as crianças são capazes de fazê-lo ainda bem pequenas (LIPMAN, 2001, p. 34).

Nosso autor quer dizer que, desde cedo, a criança pensa, até mesmo fazendo inferências. Contudo para um pensar bem, é preciso mais do que simplesmente conseguir realizar inferências. Estas precisam ser válidas, e como tal, tem que ter critérios, criticidade, reflexão, boa argumentação, fundamentação, dentre outros, para se chegar às respostas apropriadas, conforme vimos anteriormente. Do contrário, estaremos nos referindo a um tipo sim de pensamento, porém, nos pressupostos de Lipman, de um “pensamento pobre”.

Nossas pesquisas nos revelam, entretanto, que esse aspecto envolve mais do que uma questão de tradução. Em correspondência eletrônica, o professor Marcos Lorieri aponta o seguinte:

[...] Tem a ver com a ênfase que ele pensou em dar à necessidade de desenvolver nas crianças e jovens uma maneira de pensar mais bem cuidada e que inclui um pensar reflexivo, crítico, profundo, metódico, criativo, bem fundamentado (argumentado), com boa seqüência lógica, etc. Este pensamento, com estas características, seria o “bem pensar” que é, de alguma forma preferível, para certos temas, do que uma maneira de pensar que assim não fosse. Todos os autores que examinam maneiras de pensar dizem isso: consulte-se o livro de Chauí, no início (Convite à Filosofia), ou quando trata da diferença entre o conhecimento do senso comum e o conhecimento científico; ou os textos de Severino; ou de Ildeu Coelho; ou qualquer livro de Metodologia Científica; ou os Parâmetros Curriculares Nacionais. Ou as mães quando dizem a seus filhos: Pense! Pense Bem (LORIERI, 2005).

Interessante à forma clara como Lorieri argumenta sobre isso. Certamente concordamos com ele, pois se observarmos com atenção,

uma das queixas mais frequentes na escola, mesmo nos tempos atuais, refere-se à forma como nossas crianças e nossos alunos, de modo geral, pensam. Idêntico ao que já fora citado, e apesar de entendermos que não se ensina uma pessoa a pensar, dada a condição natural desse processo no ser humano, muitos educadores, em todas as épocas, clamam por alunos que pensem com mais criticidade, criatividade e autonomia.

4. Qual a estrutura curricular de filosofia na Educação Infantil?

O currículo de filosofia na Educação Infantil deverá ter como eixo atitudes reflexivas, questões temáticas, habilidades filosóficas. Com esse objetivo, cada professor deverá elaborar um programa de atitudes, dos temas e habilidades que procurará desenvolver. Na educação infantil, as questões temáticas podem versar inicialmente, sobre assuntos suscitados pelas histórias, conforme a idade das crianças. Um dos primeiros campos temáticos que valeria ser abordado, em especial para crianças de três a quatro anos, versaria sobre as sensações ou pulsões do gostar, sobre como percebem as sensações, gostos e sentimentos. Para esse campo temático, histórias como João e Maria, “Maria vai com as outras” são muito adequadas, por tematizarem diferenças de sensações, gostos e sentimentos. Há outras histórias que vão à mesma direção.

O segundo campo temático, aqui proposto a crianças de quatro a cinco anos, poderia versar sobre “a amizade ou pulsão ética”, sobre como as crianças aprendem a gostar do que lhes faz bem e das pessoas que lhes fazem o bem por gostarem delas, definidas como suas amigas. Para esse campo temático, histórias como “Gasparzinho, Fantasmilha Camarada” e “Escorpião e a rã” podem trazer bons resultados, por oferecerem ambientação narrativa para questões sobre o gostar de ter amigos ou fazer inimigos. Histórias similares devem ser buscadas.

O terceiro campo temático, sugerido para crianças de cinco a seis anos, poderia ter o como objeto “a coragem ou pulsão libertária”, a disposição para conhecer os desafios e enfrentá-los com persistência. Para esse campo temático, mostraram-se adequadas histórias como a de “Kiriku e a feiticeira” ou de “A bruxa Salomé”, pelo foco narrativo em

busca conhecer o mal e suas causas e em buscar armar as personagens para vencê-lo, com o auxílio da inteligência investigativa e coragem própria da vontade determinada.

E, finalmente, o quarto campo temático, adequado a crianças de seis anos a sete anos, teria “a tolerância ante a diferença ou pulsão democrática”, como objeto de desenvolvimentos conceituais. Para esse campo temático, são adequadas histórias como as que tratam de “O corcunda de Norte Dame”, ou outra criada por Rubem Alves, “Como nasceu a alegria”, sobre uma flor que nasceu defeituosa. Essas e outras histórias que tematizam algum tipo de diferença são convenientes para tratar dos significados que envolvem as diferenças estéticas, de gênero, étnicas, sociais e, até mesmo religiosas.

Estas histórias ou outros recursos didáticos utilizados para ambientar a conversação e o diálogo com as crianças sobre temas filosóficas têm a vantagem de pertencerem ao universo familiar delas. Diversos outros recursos didáticos podem ser utilizados, além da literatura infantil, quais sejam filmes infantis, representações dramáticas, figuras, desenhos, histórias em quadrinhos, etc. Esses recursos podem ser escolhidos por sua melhor ambientação da temática, do ponto de vista da faixa etária das crianças.

Em resumo, o currículo de filosofia na educação infantil é o conjunto integrado de questões temáticas, operadoras de conversação e ferramentas de pensamentos. O desafio do planejamento curricular dos professores está justamente na elaboração de questões, operadoras e ferramentas, ambientadas com bons recursos didáticos ou por meio da vivência de situações-problema significativas para as crianças.

5. Qual o perfil do professor?

O professor de filosofia na educação infantil deve dispor-se de técnicas, estratégias e recursos para conversar com as crianças e para intervir no sentido de manter e aprofundar a conversação, permitindo que ela alcance as características de um diálogo filosófico.

O professor deve ter uma postura adequada que em suas metodologias estejam presentes às habilidades, que a filosofia desenvolve. O papel do professor é despertar a curiosidade, indagar a

realidade, problematizar, ou seja, transformar os obstáculos, em dados para reflexão. Assim o docente deve investigar a necessidade do aluno e a partir da realidade, problematizar, criar situações de diálogo.

Assim o educador deve ter o perfil dinâmico, criativo, atualizado, para saber manipular e contextualizar informações do cotidiano dos discentes, com as disciplinas.

O professor para contagiar seus alunos, dever ser dinâmico, criativo, ativo buscar informações, pesquisar, apresentar diferentes recursos didáticos, como mapas filmes.

Uma característica muito importante para o professor é ser organizado em sua relação com os alunos. O professor deve deixar claro, para seus discentes os objetivos da aula, expor como deve ser feita a atividade, preparar o material e o ambiente para a aula antecipadamente.

O professor não pode limitar-se a executar os procedimentos previstos em planos ou planejamentos, mesmo ciente de tê-los elaborado. O acontecimento da aula traz sempre consigo a possibilidade de que algo surpreendente ocorra, alterando o percurso daquilo que havia sido antecipado no planejamento. (LEAL, 2000, p.101).

Desse modo, vemos que não é possível prever caminhos. A investigação filosófica é uma abertura para o novo e o professor precisa estar atento a essa característica própria do filosofar, e não colocar seu planejamento ou objetivo inicial em primeiro lugar, mas sim dar lugar ao texto enquanto veículo da criatividade de todos em sala de aula.

Considerações finais

O presente trabalho não pretendeu fazer uma reflexão conclusiva sobre filosofia para crianças, pois este é um assunto de grande complexidade, e exige maiores pesquisas realizadas, apenas permite fazer algumas considerações sobre as habilidades que o aluno adquire quando, tem contato com a filosofia, desde os primeiros anos do ensino fundamental.

Para uma investigação objetiva das semelhanças entre crianças e os filósofos do papel do professor que intenciona ao trabalho de

filosofia com o infante, e finalmente da finalidade última de Matthew Lipman, ao propor uma educação que possibilite as crianças e jovens maiores condições para se desenvolverem cidadãos.

Com sua proposta de filosofia para crianças, Lipman desenvolve uma metodologia que trabalha uma das questões que consideramos ser uma das principais exigências da educação de hoje, ensinar a pensar.

Por fim, podemos dizer que a educação que Matthew Lipman propõe encontra-se repleto de novas perspectivas para o ensino de filosofia nas escolas; pois o autor propõe um trabalho que parte da base do programa, começando com uma educação que considera os valores éticos, a arte, a história onde se desenvolve um diálogo entre alunos e professores mostrando assim a diferença de uma educação tradicional, e da educação proposta pelo programa deixando claro que é possível filosofar com simples questões na sala de aula para então desenvolver um processo de consciência crítica nos educadores de que a filosofia pode ser usada na educação primária.

A partir do estudo da Filosofia busca-se enriquecer a prática educativa para o pensar reflexivo, possibilitando ao professor desprender-se de certas ações conteudistas e repensar novas e melhores formas de realizar sua prática pedagógica proporcionando meios para uma educação crítica que coloca o aluno em sintonia com o que está a sua volta, não como mero espectador, mas como atuante e participante na sociedade. Nesse caso, vê-se o essencial papel da disciplina para um pensar crítico da realidade em que vive, relacionando fatos cotidianos a conteúdos estudados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LIPMAN, M. *A filosofia na sala de aula*. Ann Margaret Sharp, Frederick S. Oscanyan; Tradução de Ana Luiza Fernandes Marcondes. São Paulo: Nova Alexandria, 2001. 70 p.
- DANIEL, M. F. *A filosofia e as crianças*. São Paulo: Nova Alexandria, 2000. 292 p.
- HELM, J. H. e BENEKE, S. *O poder dos projetos: novas estratégias*

e soluções para a educação infantil. Tradução Vinicius Figueira - Porto Alegre.

SILVEIRA, R. J. T. *A filosofia vai a escola?: estudo do “Programa de filosofia para crianças” de Matthew Lipman*. 2008.

ELIAS, G. G. P. *Matthew Lipman e a filosofia para crianças*. 2010.

CASTRO, E. A. e OLIVEIRA, P. R. *Educando para o pensar*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. 127 p.

CUNHA, J. A. *Filosofia para crianças: orientação pedagógica para educação infantil e ensino fundamental*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008, 276 p.

KOHAN, W. O. *Lugares da Infância: filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. 184 p.

CUNHA, J. A. *Filosofia na educação infantil: fundamentos, métodos e propostas*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005. 128 p.

EVANGELISTA, F. e GOMES, P. T. *Educação para o pensar*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003. 211 p.